

## O BEM-ESTAR DO OPERARIADO

O sr. J. M. que não temos o prazer de conhecer, mas que nos parece pessoa inteligente e bem intencionada, vem publicando no *Comércio do Porto* uma série de artigos interessantes acerca do bem-estar do operariado.

Discordamos dos princípios que norteiam o articulista. Ele pretende algumas reformas que, sem destruir as bases capitalistas em que a sociedade assenta, tragam ao operariado português benefícios que os trabalhadores dos países mais adiantados da Europa já gozam há muito tempo. Nós desejamos que o operariado conquiste pelo seu próprio esforço tudo quanto merece, desde as boas condições económicas, a escrupulosa higiene e à educação espiritual, destruindo a base capitalista da sociedade e substituindo-a pelo sistema sindicalista.

Entretanto, o modo de ver do sr. J. M., não sendo concorde com o nosso, é pelo menos simpático e indica que o articulista vê com clareza que boas obras educativas o actual regime poderia levar a cabo se, em vez de ser dirigido por políticos ignorantes, quasi tão analfabetos como o povo, fosse orientado por pessoas honestas e inteligentes que tivessem a noção exacta das necessidades da época em que vivemos.

Não somos dos que pensam que só a Revolução Emancipadora, que descejam, seria capaz de dar tal impulso à instrução que extinguisse de vez o analfabetismo pavoroso deste país. Nações há, ainda regidas por princípios monárquicos, onde o analfabetismo não existe.

De facto, ao Estado, que tanto dinheiro esbanja em ninharias, competiria distrair uma boa parte das suas receitas para a instrução popular.

As escolas estão caindo aos pedaços pela província, aos professores não se paga a tempo e horas, os senhores não recebem as rendas e arremessam à rua as carteiras, as ardoas, os alunos e os professores. Realmente este estado de coisas não pode continuar. São necessárias muitas vezes como as do sr. J. M. para, num coro de protestos, forçar o Estado a cumprir o seu dever.

Porém, não estamos com o sr. J. M. nas vagas alusões aos maus orientadores do proletariado, e não estamos de acordo porque sabemos que ao referir-se a esses orientadores pretende atingir-nos, como que a responsabilizar-nos pelo atraso mental do povo trabalhador.

Todas as honestas iniciativas de instrução e de educação têm sido acolhidas com júbilo por parte dos chamados orientadores do operariado. Em muitos sindicatos, mesmo nos de orientação mais revolucionária, mantêm-se com sacrifício algumas escolas e se mais não há, esse facto se deve à escassez de recursos com que os operários lutam.

A batalha segue, anima, incita todos os que se apresentam com um plano, um projecto, uma ideia que possam beneficiar espiritualmente o povo trabalhador.

Também o sr. J. M. se referiu ao facto de, por vezes, os pais se recusarem a enviar os seus filhos à escola. Efectivamente acontece haver pais que assim procedem, mas em regra contrariados. As horribes condições económicas em que vivem é que os impelem, por vezes, a roubar seus filhos à escola para metê-los na oficina a fim de ajudarem com o seu mísero salário a custear as despesas do lar.

Crie-se aos operários uma situação económica desafiadora e eles enviarão com alegria seus filhos para os lugares onde recebem instrução. A sabedoria dos filhos é o orgulho dos pais — e não há pai que no fundo do coração não alimente a vaga esperança de ver um dia seu filho sábio.

## Um conflito em Xangai

XANGAI, 14. — Durante o dia de ontem algumas centenas de chineses atacaram os escritórios da Leamens Union, partindo portas, janelas e mobiliário. A polícia chinesa fez uma intervenção violenta.

## Colisão entre policia e comunistas

PARIS, 14. — Deu-se uma colisão entre a policia e um grupo de comunistas, tendo sido morto um comunista.

## O caso da água do Andaluz

Num grande comicio ontem realizado o povo protestou contra os manejos que virão extorquir ao público o que legitimamente lhe pertence

Tem apaixonado a opinião publica o conflito estabelecido à volta da conhecida bica de água do largo de Andaluz, caso em que manejos ocultos procuram privar o público do uso daquelle mananciaal a que são atribuidas curas de várias doenças.

Quasi toda a imprensa se tem referido ao assunto; alguns jornais defendendo a pretensão do público que afirma não dispensar os benefícios que a fonte lhe proporciona, havendo outros que, por outro lado, entendem que o público não tem razão. Dos que são pelo desvio da água tem-se destacado um matutino a que já se atribuem compromissos tomados para uma campanha favoravel a uma conhecida empresa de águas minerais que se sente prejudicada nos seus créditos e interesses. Dos dois partidos formados tem surgido já pretensas análises químicas, entre si contraditórias; pois, enquanto uns afirmam que as águas estão inquinadas, outros garantem que elas contém as melhores qualidades terapêuticas, tudo dando a entender que a razão assiste em absoluto a estes últimos, o dr. Conceição e Silva.

Nós, pelas queixas que nos têm apresentado alguns dos interessados e ainda porque estamos habituados a ver que a saúde publica não merece o carinho que, neste caso da água do Andaluz se finge dar-lhe, temos a convicção de que, de facto, ha grande negociação na fonte.

A saúde publica... Mas então, como se explica que dando-se aquelas águas como inquinadas e impróprias para o consumo, se permita que toda a população da capital esteja sujeita a um mau abastecimento deste liquido, não só pela escassez constante, como pelo pouco acção resultante de descurar os reservatórios e as canalizações?

Neste caso, decerto, não há iniquidade, mas, maquiagem no sentido de cercar ao público o direito de ingerir uma água que tendo boas propriedades lhe é acessivel, para que elle depois a adquira espalhafatosamente engrafada e bem paga.

O público que não está disposto a deixar-se esbulhar, manifestou-se ontem exuberantemente, realizando um grande comicio em que perto de vinte oradores escalpelaram rudemente os poderes constituídos e a Câmara Municipal, que em muito pouca conta tem os interesses dos municipios a quem só conhecem para a sobrecarga de contribuições.

Nesse comicio fez-se representar também a Câmara Sindical do Trabalho que sobre o assunto expoz os seus pontos de vista, fazendo sentir ao povo que a sua defesa contra os monopólios não pode ser confiada a entidades que tem afinidades com a casta exploradora, e que só pela sua acção o povo conseguirá o respeito dos seus direitos. Por fim, o comicio aprovou a seguinte moção apresentada por David da Silva:

«Considerando que a fonte de Andaluz é pertença publica há centenas de anos; que até agora não ha conhecimento de qualquer doença resultante da mesma água, e que é bebida por milhares de pessoas; que só por maldade ou interesse, se quer privar o público desta regalia; que varias análises se têm feito a esta água, e todas elas dão a mesma como própria para consumo, e até com propriedades especiais para diversos sofrimentos; que a Câmara Municipal compete zelar pelas regalias e melhoramentos dos seus municipios; Esta Assembleia resolve: 1.º Lavar o seu mais veemente protesto contra a campanha encetada contra a mesma água; 2.º Representar à Câmara Municipal para a que a conservação desta fonte, no sentido de fazer uma cousa digna da cidade, mandando ajardinar o largo de Andaluz, collocando ao centro do largo a bica da água; 3.º No caso de serem encontradas quaisquer impurezas nas análises que se estão efectuando, se peça à Câmara para beneficiar a canalização, e mandar fazer a limpeza do poço onde ella nasce; 4.º Que seja nomeada uma comissão de vigilância, no sentido de, por todos os meios ao seu alcance, impedir que o público fique privado desta fonte.»

Foi nomeada uma comissão encarregada de elaborar uma representação a levar, na segunda-feira, às 15 horas, à Câmara Municipal, comissão que será acompanhada pelo povo interessado nesta questão.

Oxalá que a acção directa popular consiga, pelo menos, estragar qualquer artimanha urdida na suposição de que a morbidez é já absoluta e a vontade se pode tripudiar, vendendo ou dando aquilo que é pertença comum.

## A guerra de Marrocos

Abd-el-Krim repele as hipócritas condições de paz franco-espanholas

PARIS, 14. — Painlevé declarou aos jornalistas as condições de paz que a França e a Espanha oferecem aos rifenhos e cujas cláusulas principais são o reconhecimento da autonomia politica, administrativa e económica das tribus do Rif e de Dejeblas que deverão por sua vez reconhecer a soberania do Sultão.

Até agora todos os emissários de Abd-el-Krim foram unânimes em reconhecer que o seu chefe punha como questão prévia de quaisquer negociações o reconhecimento puro e simples da independência do Rif, o que Painlevé considera contrario aos acordos internacionais. Painlevé dá a escolher aos rifenhos entre a paz, como é a proposta, ou a guerra.

## A greve dos empregados bancários franceses é uma grande lição para os seus colegas portugueses

Deixámos passar propositalmente alguns dias, para podermos publicar um relato pormenorizado das características da greve dos empregados bancários franceses, coligindo todos os dados de forma a podermos relatar mais desenvolvimento do que nos permitiam os telegramas vindos da França, a forma como se deram os acontecimentos que se desenrolaram em França.

Por muitas razões, esta greve apresenta-se com um caracter muito especial. Nasceu, como os outros movimentos deste género, da fome que faz sair o lobo do coilo. Mas o que ella encerra de particular, é que os empregados dos bancos, desta vez, não appareceram com cordeirinhos que o capitalismo supuzesse poder tosquiar sem correr qualquer risco.

Esta categoria de trabalhadores que, até hoje, tem sido obrigada a curvar-se, revoltou-se. Nota-se neste movimento colectivo algo de novo, e o desejo de emancipação, que alastra nos «proletários de colarinho engomado», deve ter formidáveis consequências.

A greve que se está dando em França ainda tem a seguinte particularidade: permitiu aos militantes sinceros, pertencentes a diferentes tendências políticas realizarem uma unidade de acção que não pode passar despercebida.

Estes proletários que em todos os países (vide Portugal) pareciam sê incapazes de realizar o menor gesto de revolta e de luta, conquistaram de repente um lugar importantissimo no movimento operário.

Há por vezes, classes trabalhadoras que só se revelam quando chega a sua hora. Todos as julgam incapazes de acção e bruscamente eis que a sua entrada na luta vai além de todas as esperanças.

Na verdade, esta greve admiravel dos empregados bancários franceses que continua sem desfalecimentos e com um entusiasmo cada vez maior, nasceu espontaneamente. E' obra continua dum certo numero de militantes que, sem fadigas, combatem a falta de energia, a indifferença nefasta.

Em Abril proximo passado, varios comicios e manifestações começaram a despertar a consciência da classe adormecida. Quatro meses mais tarde, em Marselha, dá-se bruscamente o movimento, surpreendendo o patronato.

Em Paris a Associação dos empregados bancários adere ao movimento e, desde então, vagas sucessivas lançam-se no oceano revoltoso sem cessar e cada vez maior, de milhares e milhares de grevistas.

A provincia entra em acção e a proclamação da greve geral, feita pelo Comité Central, consegue juntar os últimos hesitantes.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

E' verdade que elas são as mais exploradas.

Quais são as razões deste movimento? Numerosissimas. A carestia da vida, os impostos, o custo dos transportes, são já razões mais do que suficientes, para as determinar.

Os que produzem a riqueza não podem resignar-se eternamente a morrer de fome. Os ordenados eram em média de 550 francos mensais.

A imprensa reaccionária, digamos fascista, de Paris, ao referir-se à greve grita a quem quer ouvir: «Não haja politica! Ora tudo isto são palavras. Foi com estas mesmas palavras que o magnifico movimento das fabricas italianas foi esmagado e deu origem ao fascismo.»

A nós-portugueses não nos interessa as considerações mesquinhas que se fazem em redor da greve dos proletários franceses. O que interessa que se saiba, o que nunca será demasiado repetir, é que em França os empregados bancários acabam de dar uma lição mestra aos seus colegas dos outros países, uma destas lições que muito aproveitaria se houvesse mais consciência dos direitos que hoje se calcam, sem que os interessados tenham brío para protestar sequer.

## Notas & Comentários

Incoerências

Neste momento em que uma questão de certa gravidade se está derroando entre Portugal e Espanha, e quando os governos dos dois países afirmam, nas notas diplomaticas que trocam, intenções amistosas e cordialidades comovedoras, os patriotas portugueses comemoram a remota batalha de Aljubarrota e erguem hinos de gloria a um homem — Nun'Alvarez — que odiou religiosamente os espanhóis. Recordar neste momento essas glorias sangrentas, essas sublimas atrocidades que se perderam na noite dos tempos e recender uma chama de odio e malquerença entre dois povos que, se noutras épocas e noutras circunstâncias andaram desavindos, hoje têm necessidade absoluta de se entenderem e conhecerem para gloria da humanidade que só poderá progredir num ambiente de paz e de concórdia.

Piedade cristã

Continuam as Novidades a preocupar-se com a sorte da C. G. T. Vê-se, sem grande esforço, que esta preocupação do órgão católico obedece a um sentimento piedoso e cristão absolutamente respeitável. Estamos comovidos. Mas uma vez se prova que os católicos são duma generosidade a toda a prova e que não pensam senão no bem-estar dos seus inimigos. E nós, hereses e ingratos, que temos pactos secretos com o Demónio, não pensamos senão em pôr a descoberto os crimes dos padres que, dizendo-se perfeitos e inspirados em Deus, vivem tranquilamente atascados nos pecados da gula e da luxúria.

Barbaridades!

Aqui na redacção, a par de momentos angustiosos também se passam, uma vez por outra, instantes alegres. A leitura da correspondência que dia a dia nos chega, versando os assuntos mais diversos, desde os tristes casos de miséria e de injustiça social aos alvitreos disparatados, emocionam, por um lado, e divertem, por outro.

Ontem escreveu-nos um doido original protestando não sabermos bem contra que inimigo, pois elle não soube explicar-se. Porém, se a exploração das suas pretensões foi escassa, abundante foi, sim, a soma de adjectivos e frases originaes com que encheu os «linguados» de papel.

Como não somos egoistas e não desejamos, portanto, reservar só para nós o prazer de tão agradável como substancial leitura, aqui deixamos para o leitor algumas frases mais appetitosas.

Diz o bizarro correspondente referindo-se ao tal inimigo:

«Esse bandido, rapinante, atroz, delinquente, abracadabrante, nato, miserável, selvático, chacal, subornante, original, não trabalha...»

Mais adiante diz o homem indignado:

«Pensa qualquer cadáver analfabeto em difamar um homem culto...»

Os leitores estão vendo este cadáver que pensa e é analfabeto... Mas, para encurtar razões, o furioso articulista remata com esta frase profunda:

«Por consequentemente o dilema duma nação ardente — porque um povo sem cultura pouco dura — indigna os literatos.»

Evidentemente. Ou a lógica é uma batalha...

## Kemal Pachá divorcia-se

STAMBUL, 14. — O conselho de ministros publicou uma nota officiosa annunciando o divórcio do presidente Mustafá Kemal Pachá e de Latife Hanoum, uma das mais modernizadas e lindas mulheres turcas. O divórcio foi realizado de comum accordo, Latife Hanoum foi a primeira mulher turca que se deixou fotografar por iniciativa própria e com o apoio de Kemal Pachá dirigiu o movimento da emancipação da mulher turca e foi a maior defensora da introdução dos costumes europeus.

Este acontecimento é curioso porque demonstra a revolução que se deu nos costumes turcos, ferindo de morte muitos preconceitos.

## Um ataque à Ku-Klux-Klan

NEW YORK, 14. — Nos arredores de Massachussets deu-se ontem um novo encontro com os fillados na Ku-Klux-Klan, muito mais grave que o de segunda-feira, pois defenderam o seu comicio com bombas de gazes asfixiantes.

Os atacantes fizeram grande tiroteio, ignorando-se o numero dos feridos.

## RENOVAÇÃO

E' hoje pôsto à venda o 4.º número desta revista gráfica de novos horisontes sociais que contém:

- O problema de Marrocos (com gravuras).
- A intolerância triunfa (com gravuras).
- A Arvore (com gravuras).
- Lógica de lindas bocas conto de ROCHA MARTINS.
- A Caminho de Africa por JULIÃO QUINTINHA (com gravuras).
- Confissão versos de ARISTIDES RIBEIRO.
- Singularidades de Maria Margarida por AUGUSTO PINTO.
- A pintura a fresco em Portugal por ADOLFO DE CASTRO.
- O poeta Walt Whitman por EUCARISTINO DE MENDONÇA.
- Mundo curioso. — Actualidades.
- Impressão do texto a duas cores, ilustrado com 21 gravuras e ilustrações de ROCHA VIEIRA.
- Capa a três cores de ROBERTO NOBRE

PREÇO 1\$50

## A Mesa Administrativa do Hospital de Beja afasta-se das suas funções para brincar às polémicas!

A Mesa Administrativa do hospital de Beja publicou, no grave e democrático «Porvir» daquela cidade, uma longa e monótona resposta à reportagem que publicámos sobre um caso bastante repugnante.

Recorda-nos perfeitamente que os dois mesários com quem falámos, nos disseram repetidas vezes que queriam acima de tudo evitar o descrédito do hospital. Porisso estranhámos que volvidos quinze dias viessem mexer no assunto, a que nós propostamente não voltámos a aludir e que só com evidente constrangimento referimos. Dessa attitude fácil nos é inferir que a Mesa do hospital é uma Mesa sem equilíbrio — uma espécie de mesa de pé de galo...

Há naquela Mesa quem se sinta fadado para altas cavalarias jornalísticas e, só ao mórbido prazer da publicidade, que é uma das características da degenerescência contemporânea, nós podemos atribuir aquele arrastado de provocar enervantes insónias.

A resposta é infeliz e é leviana. Nela se diz que nos introduzimos no hospital sobreplicamente violando as disposições regulamentares em vigor, para entrevistar às escondidas duas serventuárias, quando a nossa visita foi devidamente autorizada e a entrevista foi, em parte, feita diante do fiscal. E tanto que ella não se fez às escondidas que os dois mesários manifestaram pelo fiscal o desejo de falarem connosco e, entre sorrisos amáveis, nos perguntaram se «a nossa missão estava concluída». Acresce ainda que entre nós e os mesários se conservou longamente — da extensão da cunserie não fomos nós os culpados — com a delicadeza e a serenidade próprias de quem possue hábitos civilizados.

E' certo que nós afirmámos que «não podíamos deixar de tocar no assunto mas que ficassem descansados que não contribuiríamos para o «mal da casa». E assim fizemos. E não nos parece que seja contribuir para o mal da casa, desejar que ella tenha, por parte dos mesários, uma menor cegueira e uma menor surdez e um cuidado maior nos serviços internos em vez de brincarem às polémicas com grande prejuizo do hospital.

Para o «mal da casa» têm os mesários contribuido bastante, esquecendo-se da má impressão que certas attitudes demasiado «sentimentais» causam nos meios pequenos. E daí deriva em parte o descrédito em que o hospital se encontra, descrédito a que o fiscal desse estabelecimento de beneficência aludiu quando nos disse que a má reputação do hospital era já tão tradicional que atingia a dignidade dos empregados, mesmo quando elles tinham uma conduta honesta.

Não vamos, evidentemente, responder, ponto por ponto, à epistola da Mesa. Com essas não discutimos senão por dever de officio... E vamos a sintetizar:

Foram os mesários que nos disseram ter gratificado com 50 escudos o degenerado que coabitou com o cadáver duma tuberculosa, porque não acreditaram que elle tivesse praticado um acto tão repugnante.

E, para justificarem essa inverosimil incredulidade, disseram-nos que não o achavam capaz dum acto tão monstruoso. Estamos não diante de mesários, mas diante de dois homens com uma ingenuidade de anjos ou de meninos recém-nascidos, porque só assim se admite que se esquecessem que o seu dever era investigar se era ou não verdadeira uma accusação tão grave.

Diz-nos a mesa que as empregadas desmentiram as declarações que nos fizeram e daí toda a nossa reportagem ter sido uma ficção. Ora adeus! As empregadas limitaram-se a defender o seu pão que está nas mãos caprichosas e vingativas dos mesários.

A pobre Rosa Maria tem 16 anos e 16 annos dolorosos pelo contacto com duras misérias e tristissimas realidades humanas.

Tranquilissem-se esses 16 annos tão suplicados. As poucas e suadas cédulas com que os mesários lhe pagam, não tornam o seu lugar de fácil substituição. Se assim não fosse a isenção com que nos falou já teria recebido como prémio — o despedimento rancoroso.

Quanto à accusação de que não respeitámos a nossa qualidade de jornalista, feita pelo mesário que se serve do seu cargo de correspondente do *Diário de Notícias* para se salvar das suas responsabilidades, não merece um único comentário do redactor que foi a Beja.

## INUNDAÇÕES TRÁGICAS

TOQUIO, 14. — Uma grande inundação causou grandes prejuizos na Corea. Cerca de 20 pessoas pereceram afogadas e 9 pontes foram destruidas.

## Rendimentos dos operários

LIEGE, 14. — Deu-se uma explosão numa fabrica de azote, da qual resultou a morte dum operário.

## Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., ao dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

- Escrever dum só lado do papel;
- Não fazer uso de tinta vermelha;
- Deixar, entre as linhas escritas, espaço sufficiente para qualquer emenda;
- Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

— Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, as noticias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigillo de nomes.

## A Internacional do Ensino

manifesta no seu órgão na imprensa o seu regosijo pela possibilidade da adesão da A. P. P. à Confederação Geral do Trabalho

A propósito do artigo que o nosso camarada Santos Arranha anteontem publicou sobre o II congresso da Associação de Professores de Portugal e sobre as suas hesitações em aderir à Confederação Geral do Trabalho, apraz-nos registar nas nossas colunas um artigo publicado no Boletim da Internacional do Ensino que vem ao encontro das nossas ideias.

Também o órgão da Internacional do Ensino esperava, pelo que se depreende desse artigo, escrito antes da realização do Congresso, que os Professores de Portugal se integrassem no movimento sindical, aderindo à C. G. T.

Demos a palavra ao Boletim da Internacional do Ensino:

«O segundo Congresso da Associação dos Professores de Portugal aderente à Internacional do Ensino, effectuar-se-há em Lisboa no fim do corrente mês (27, 28 e 29 de Julho).

O primeiro Congresso desta Associação, que agrupa os professores de Portugal aderentes ao nosso programa de luta de classes, também se realizou em Lisboa nos dias 5 e 6 de Agosto do anno passado.

Esta continuidade de assembleias gerais dos professores portugueses é a prova evidente duma actividade da qual a Internacional de Ensino se deve orgulhar.

Quando se realizou o Congresso do anno passado, A. P. P. examinou a viabilidade duma Associação nacional de professores e a oportunidade da sua adesão à Internacional dos trabalhadores de Ensino.

A necessidade duma «entente» e duma colaboração dos professores de todos os países, não podia passar despercebida aos nossos camaradas portugueses e o seu Congresso resolveu, na verdade, aprovar todas as theses apresentadas que se referiam à evolução profissional dos professores para o sindicalismo internacional.

A Confederação Geral do Trabalho portuguesa (como aliás a maior parte das organizações sindicais e politicas da vanguarda) fez-se representar no Congresso de 1924. Este anno, o segundo Congresso da A. P. P. será convidado a decidir sobre a adesão efectiva da nossa secção portuguesa à Confederação Geral do Trabalho e nós fazemos sinceros votos para que os professores portugueses compreendam a oportunidade que há em se ligarem à Organização que agrupa todos os trabalhadores de Portugal.

O primeiro numero da interessante revista *Escola Nova*, órgão official da A. P. P., já em Julho de 1924 publicava um artigo de Carvalho Duarte, intitulado: «A situação dos professores em face das tendências sociais contemporâneas», artigo este cujo cabeçalho era: «E' necessario que a Escola participe na marcha do pensamento e na acção da Sociedade nova». Nesta revista podia-se ler ainda as seguintes passagens:

«Já no horizonte das grandes concepções sociais apparecem os primeiros valores da esplendida civilização da nova humanidade. E nós, os educadores, nós que temos a sublime missão de transformar, de melhorar a alma dos povos, coordenando continuamente as criações sociais do presente com as do futuro, não devemos preparar para o triunfo dessa civilização, de contrários, ficarmos responsáveis pelas dificuldades que poderiam surgir na adaptação da geração actual ás futuras realizações colectivas...»

«Professores de todos os ramos de ensino, iguais pelo trabalho e pelo esforço comum na mesma função social, organizemo-nos!»

O nosso camarada Canhão Júnior, secretario geral da A. P. P., no seu relatório ao Congresso do anno passado, sobre a «razão de ser da Internacional de Ensino e da A. P. P.» dizia: «A transição do relatório de Canhão Júnior é assaz longa e julgamos inutil repeti-la. No entanto reproduzimos o final dessa transição, pelo que ella contém de interessante).

«Constituida por uma classe que conhece directa e profundamente os sofrimentos e as aspirações da humanidade, não só pelo seu dever profissional mas também pelo seu desejo de melhorar as suas condições de vida, a Internacional de Ensino é na verdade a organização que, completamente integrada na trajetória da evolução social, parece destinada a continuar o movimento que o homem já encetou para a sua libertação integral.

«A Internacional de Ensino será a união entre as elites intellectuais e manuaes e será também a força que conduzirá a Universidade até à Fabrica, formando assim um só meio de actividade integral.

O Boletim da Internacional termina desta maneira as suas apreciações sobre a A. P. P.: «Quando se tem estes principios por base, não se pode duvidar do bom resultado do segundo congresso da A. P. P., que irá confirmar sem duvida a fé que os professores portugueses depositam no destino de redenção do proletariado internacional.

«A actividade despendida pelos nossos camaradas de Portugal, entre o primeiro e o segundo congresso da A. P. P., será publicada no segundo numero deste Boletim, que também fará o relato do congresso de Lisboa; mas desde já nos sentimos felizes em poder afirmar que a nossa secção lusitana segue um bom caminho para a realização do nosso programa sindical. Elle não nega a divisa que foi buscar a Pestalozzi para a sua bela revista de propaganda: «O professor que não avança, recua!»



## EM PONTE DE SOR

### Uma cobarde agressão

ordenada por agentes da União dos Interesses Económicos

Em Ponte de Sôr conseguem predominar devido ao seu dinheiro, adquirido à custa da exploração do próximo, uns agentes da União dos Interesses Económicos. Esses indivíduos cuja inteligência corre paradas com a sua tolerância, resolveram declarar a organização operária daquela vila uma guerra de extermínio. Pela cheta estreiteza da qual os crâneos passaram a idea estúpida de que os trabalhadores não tinham direito de estar agrupados em sindicatos para defender os seus legítimos interesses. Menos ainda podem suportar os aludidos agentes da União dos Interesses Económicos que naqueles sindicatos se efectuam sessões de propaganda em que tomam parte militantes operários estranhos à localidade.

Não são esses agentes adversários leais ou sequer criaturas escrupulosas. Para a consecução dos seus desígnios não se detêm: todos os meios lhes servem. Há muito que esses indivíduos andam premeditando um massacre de trabalhadores rurais, tendo feito várias tentativas junto da guarda republicana, embragando desastamentos e incitando-se depois à prática das piores violências. Têm-se também servido de indivíduos sem escrúpulos a quem compram para fazer provocações e promover desordens.

O operário do mobiliário de Ponte de Sôr, António Fresco caiu no desagrado dos referidos agentes, desagrado que se converteu em ódio depois que lá se realizou a sessão de propaganda contra a guerra. No dia 9 do mês corrente esse operário foi assaltado por dois indivíduos que o amordaçaram e agrediram fazendo-lhe seis ferimentos na cabeça e várias contusões nos olhos.

Há pessoas que afirmam terem sido os agressores Joaquim Campino, criado de Fernando Presado e Artur Castro Barquinha. Estes indivíduos que foram subornados para tal fim, antes de praticarem a agressão chegaram, a assaltar outra pessoa, por engano.

Isto são os processos empregados pelos agentes da U. I. E. para destruir a organização de Ponte de Sôr. Mas, estamos convencidos que ela se não acovardará perante o insíntimo criminoso de alguns cobardes, apesar do dinheiro de que eles dispõem.

Uma comissão delegada da Federação da Construção Civil avisou-se ontem com o secretário do ministro do Interior, expondo-lhe o que se está passando em Ponte de Sôr em matéria de perseguições à classe operária, levadas à prática pelo indivíduo que internamente está ocupando o cargo de administrador do Concelho.

O secretário declarou que ia transmitir o assunto ao ministro estando convencido que providências imediatas vão ser tomadas.

A comissão expôs também que devido à efervescência dos ânimos poderá no próximo domingo dar-se um conflito grave por motivo das hostes reacionárias locais pretendem fazer na praça pública a exibição de mais uma procissão. Em face do exposto o secretário do ministro do Interior garantiu à comissão que ia imediatamente enviar um telegrama proibindo a referida procissão.

## Prêso condenado à morte

Nos calabouços do governo civil encontra-se, desde sábado passado, Armando Carlos, com uma facada nas costas, não lhe tendo sido feito ainda qualquer tratamento.

Já por três vezes o tem conduzido ao hospital de São José, para ali ser internado por ser grave o seu estado, negando-se o director a recebê-lo, porque não quer tê-lo sob a sua responsabilidade.

Ignoramos as razões da recusa do director do hospital, mas por muito poderosas que elas sejam, parece-nos que acima de tudo deveria colocar o respeito que se deve à vida de todo o ser vivente.

E a polícia porque não faz que, por qualquer modo, o preso receba o tratamento de que carece?

Porque espera?

Pela morte dele?

## SOLIDARIEDADE

Fica adiada, por motivo imprevisto, para o dia 31 do corrente a festa de auxílio à mãe de Manuel Ramos, promovida pela secção profissional dos pedreiros.

A favor de Filipe José da Costa

No Salão de Festas da Construção Civil, realiza-se no domingo, 30 do corrente, às 15 horas, um espectáculo em auxílio da companheira e filhos de Filipe José da Costa.

Tomam parte o Grupo Dramático "Solidariedade Operária", representando o drama social, em 1 acto, "Bandidos", e o drama, em 1 acto, "Mentira..."; o Grupo Propagadores do Fado, e o Grupo Musical "Os Cravos".

A favor de António Luis

No novo Manicócio de Lisboa foi tirada uma "quarta" a favor do caeiro António Luis, que produziu a quantia de 130\$60.

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE Constant-Stolzenwald

HOJE Travagliani-Ochôa Landau-Bastarrica

## Como se tratam prêsos

Um exemplo mais do desprezo da polícia pelos indivíduos que detêm

Adolfo Joaquim de Sousa, que se encontra na esquadra da Pampulha, esteve sob o regime de incomunicabilidade, durante 49 dias, que há pouco lhe foi levantada.

O motivo desse longo período de incomunicabilidade é o mesmo que para os outros casos.

Adolfo Sousa, conduzido no dia 10 de Junho, às 22 horas, numa "side-car" do comando da polícia, para o Governo Civil, levado à presença do chefe Xavier foi por este agredido, após um breve interrogatório, na presença dos agentes Delgado, Raul e Otelio.

Com tal fúria o agrediu que o fato lhe ficou ensanguentado, devendo constar no boletim do Governo Civil que esse preso foi ali pensado.

Durante a sua prisão andou passeando de automóvel de esquadra para esquadra, até que resolveram conservá-lo naquela onde actualmente está, tendo-lhe também detido por algumas horas várias pessoas de família.

Eis como são respeitadas pelas autoridades as leis que elas têm o dever de fazer cumprir.

O prazo máximo de incomunicabilidade, 48 horas, é a seu belo talante aumentado para um mês, dois e meio, dois meses e mais, como tem acontecido a outros presos.

Da obrigação de restituir à liberdade todo o indivíduo que passados oito dias sobre a sua prisão não tenha culpa formada, já de há muito se desobrigou por seu livre alveldo a polícia desta cidade.

Adolfo Joaquim de Sousa, como a tantos outros, ainda não foi formada culpa e, no entanto continua preso.

O dever de respeitar a vida e a saúde dos indivíduos confiados à sua guarda, cumpre-o a polícia martirizando-os, espancando-os e deixando-os doentes sem tratamento nos calabouços, facto que com Adolfo Joaquim de Sousa também se dá, devido não só aos maus tratos como à depressão moral causada pelo forçado isolamento.

## A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Dreco 2500, pelo correio 2530. Pedidos a administração de A BATALHA

## Em Monsanto

um prêso declara a greve da fome

Do posto de Monsanto escreve-nos João Jerónimo da Silva declarando-nos que deliberou declarar a greve da fome pelo facto de ter sido injustamente condenado num tribunal. Essa sua desesperada resolução deve ser de certo motivada por uma grande injustiça.

Pelas cadeias encontram-se sofrendo iniquo e torturante cativo muitos desgraçados que estão inocentes dada a maneira criminosa como a polícia prende e os tribunais condenam. Não encontrará a desesperada resolução do prêso de Monsanto eco em nenhuma das entidades que têm o dever de intervir. Se tal não acontecer é provável que dentro em breve tenhamos de registar mais uma vítima dessas odiosas Bastilhas, dessas sinistras iniquidades que são os cárceres da República.

## A justiça em Aviz

Três magistrados que desapareceram no dia dum julgamento

Estava designado para o dia 12 do corrente o julgamento do operário Fontes, de Ponte de Sôr. A acusação falsa que sobre o mesmo pesava, e ainda pesa, era a de ter dirigido insultos à guarda republicana por ocasião do comício do Ervedal.

Daque se deslocou um dos advogados da C. G. T., o nosso amigo dr. Sobral de Campos, bem como de Ponte de Sôr o arguido e os testemunhas. Chegadas, porém, a Aviz, onde devia ter lugar o julgamento, verificou-se que este não podia realizar-se por faltarem juiz e delegado. Procurou-se o juiz substituto, que bem poderia fazer o julgamento visto tratar-se de uma simples polícia correcional, mas, parece que avisado da chegada daquela comarca do rei, testemunhas e advogado, bateu tambor em retirada... não se efectuando o julgamento por falta de matéria prima...

Ora vejamos como tudo isto anda, em assuntos de justiça, por essas comarcas do país...

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em "cauchú". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

## AGREMIações VARIAS

Associação dos Inquilinos Lisboaenses.—A direcção tomou conhecimento de que está legalmente constituída esta associação, encontrando-se os estatutos em distribuição aos sócios que já os pagaram.

## EDEN THEATRO

Telef. N. 3800

HOJE

A MARAVILHOSA "FEERIE"

A CIDADE ONDE

A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS

80 EM SCENA 80

A peça de maior aparato

na actualidade

HOJE

A MARAVILHOSA "FEERIE"

A CIDADE ONDE

A GENTE SE ABORRECE

## Pela organização marítima

## EM DEFESA DA UNIDADE SINDICAL

Os trabalhadores do tráfego resolveram manter a sua adesão à C. G. T.

O Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa reuniu em assembleia geral para apreciar a atitude da Federação Marítima para com a C. G. T.

Depois de usarem da palavra vários componentes da classe foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

"Considerando que a Federação Marítima vem de resolver, em reunião do Conselho Federal suspender as relações com a C. G. T.;

considerando que essa suspensão equivale a uma desconfiança que isola as classes marítimas do movimento operário;

considerando que o Conselho Federal ao tomar tão melindrosa atitude exorbitou das suas funções visto que só um congresso de indústria ou um "referendum" aos sindicatos, teria para tal plenos poderes;

considerando que esta associação, por mais de uma vez, demarcou a sua posição em face de questões que mais têm agitado a organização operária portuguesa, estando hoje como sempre, com a orientação que norteia a C. G. T. por ser aquela que mais se coaduna, com os desejos de emancipação dos trabalhadores;

Os trabalhadores do tráfego, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1.º, Manifestar à face de toda a organização a sua discordância com a resolução do Conselho Federal por ser atentatória da boa unidade sindical, e favorecer os torpes maneios políticos divisionistas;

2.º, Manter as suas estreitas relações de solidariedade com a C. G. T. e de requisição directamente todo o expediente para cobrança;

3.º, Manter a sua adesão à Federação Marítima confiados que o próximo Congresso Marítimo mais fortemente reate relações com todos os organismos nacionais e internacionais, que bem defendam a independência sindical.

Foi também aprovada a seguinte moção:

"Considerando que a Federação Marítima ao abrir a sessão com a C. G. T. se colocou em manifesta contradição com as afirmações que tem feito de que deseja a máxima unidade sindical, para se tornar mais fácil a conquista de maiores reivindicações sociais e uma maior soma de bem-estar, para todos os trabalhadores em geral, e para a organização em especial;

Considerando que pelas afirmações feitas, por esta classe, às quais deve dar satisfação, tem o seu logar marcado na C. G. T. a qual aderiu ainda antes de aderir à Federação Marítima, e a qual deve continuar a dispensar toda a sua solidariedade tanto moral como material, para que a mesma possa cumprir, com a missão de que foi incumbida no Congresso da Covilhã, coordenando toda a acção desenvolvida pelos Sindicatos;

Considerando que para mantermos e desenvolvermos a luta contra o patronato, função principal do Sindicato para que a defeza das regalias alcançadas, se torna necessário não só propagar a unidade sindical para conquistar a simpatia dos trabalhadores, mas sim praticá-la porque só assim se vê a sinceridade com que se propaga;

Resolve:

1.º—Continuar aderente à C. G. T., a qual comunicará esta resolução.

2.º—Requisitar o expediente confederal à C. G. T., visto a F. M., deixar de o fornecer como fazia até aqui.

3.º—Esperar que os atuais delegados ao conselho confederal, empreguem toda a sua boa vontade, e inteligência, para que a F. M. volte a ocupar o logar do qual nunca se devia ter arreado.

4.º—Encarregar os seus delegados ao conselho confederal, de empregar todo o seu esforço para que esta situação anormal se modifique de forma a que os interesses de todos os trabalhadores fiquem ressaltados como direito.

Resolveu-se ainda dar a adesão ao Congresso Confederal, sendo nomeado delegado o camarada José Francisco.

A sessão foi encerrada entre grande entusiasmo, com vivas à C. G. T., à Batalha, e à organização operária.

Os sindicatos não devem ter outra preocupação além do bem estar da classe

Camarada director:—Tendo conhecimento pela Batalha que a Federação Marítima cortou relações com a Confederação Geral do Trabalho servindo-se de uma autonomia que Sindicato algum lhe deu, cortando assim as relações com a organização terrestre, fazendo o conselho federal de joguete dos patrões e de lacaios de qualquer partido político, servindo-se da organização para os fins que desejam, cavando a ruína dos trabalhadores e da Federação devem os marítimos acatular-se se não querem que o seu pão e de suas famílias corra perigo.

Esperando estar que os sindicatos aderentes à F. M. a farão arripiar caminho para assim se conservar o bem estar da família trabalhadora e a união da mesma interessando-se pela organização, deixando-se de tendências, respeitando-se mais a autonomia dos sindicatos aderentes à F. M.

Agradecendo a publicação destas linhas, sou de v.

José Maria RODRIGUES

(Marinheiro sindicalizado)

## TIVOLI

TEL. N. 3474

HOJE

A morte de Shakleton

Documentaria em 4 partes.

O testamento do capitão Applejack

Cine-comédia em sete partes

Uma revista de actualidades

Um jornal de modas

AMANHÃ—Matinée às 3 horas

## DE SAMORA CORREIA

## OS GRANDES POTENTADOS

Crianças mutiladas e esfomeadas pelas empresas que criminosamente as empregaram

Vamos narrar dois casos que bem definem o estado primitivo em que se encontram os trabalhadores de Samora Correia.

António Serrador, menor de 14 anos, filho de um trabalhador da Companhia—e este detalhe é importante—andava no Campo ao serviço da Companhia, a trabalhar com uma ceifeira.

Novo, inexperiente, desacomatado, caiu desastrosamente; e a máquina, apanhando-lhe o pé direito, decepou-lhe o tarso, que ficou dentro da bota.

A Companhia, para abafar o caso, interessou-se pelo tratamento do pobre mutilado; e para calar o pai ou mesmo algum de fora que se lembrasse de mexer no assunto, prometeram manter ao seu serviço o inutilizado rapaz, dando-lhe um serviço moderado na oficina de correio onde explorou um velhinho de nome Augusto, até à idade de 96 anos. Mas como pagava a Companhia ao pobre rapaz que trabalhava de correio, a pesar de mutilado?

Dava-lhe 3\$60 por mês.

E era com esta irrisória quantia que a Companhia se julgava librada da responsabilidade que lhe cabe na inutilização do pobre Serrador.

Um dia o rapaz dirigiu-se ao escritório do colosso e fez sentir ao chefe que não podia sustentar-se com 3\$60, numa época em que qualquer cavador estava ganhando 14\$00. E sabem qual foi a resposta?

"Olha: se te não serve o salário que recebes, procura outro patrão."

Era caso para o rapaz lhe retorquir que sim, que de bom grado o procuraria se tivesse os dois pés que tinha quando entrou, na sua minoridade, abusivamente para o serviço da Companhia.

E o rapaz saiu, não se seguindo a receber a escola de 3\$60 por dia, quando prestava serviço de valor, devendo ainda ter-se em conta que, para com ele, se usava de um rigor de que se não usava para com outros. Ao menor descuido, desconfavam-lhe logo o vencimento!

Ainda há dias este desgraçado me procurou para lhe tratar dos meios legais para que a Companhia seja coagida a estabelecer-lhe uma pensão, enquanto for vivo. Vou tratar-lhe disso com todo o cuidado; porque tu tens a certeza de que, se o caso se tivesse passado no trabalho de qualquer pequeno proprietário, já ele teria sido demandado em juízo para o estabelecimento da pensão. Trata-se, porém, de um colosso a quem os próprios governos cegamente obedecem e o caso há de ser mais trabalhoso um pouco.

O outro caso, o do João Felix Costa, menor de 12 anos, ao serviço da Moagem, passou-se, um pouco mais ou menos assim:

O rapaz fora admitido aos 12 anos na "Samorense"; e um dia foi apanhado por uma máquina que lhe triturou um braço, inutilizando-lhe, para toda a vida.

O pai queixou-se; mas os imperadores do potentado sorriram na sua intangibilidade e responderam:

—Contente-se com o tratamento que já não é pouco; nem isso nos temos o dever de dar-lhe, porque o rapaz inutilizou-se em serviço diferente do que lhe estava destinado, e depois de lhe ter sido recomendado bastas vezes que se não aproximasse das máquinas.

E com esta douda e enfiada resposta, supunham os tufanos da Moagem ter emudecido a voz acusadora da razão e da justiça.

Coitados! Mas não calamam.

Que idade tinha o garoto quando o admitiram ao serviço? E em que condições o admitiram?

Cumpru-se nisso alguma das formalidades legais?

Não. Não se cumpriu então, como não se cumpre hoje; nem com crianças nem com mulheres que é o pessoal que a moagem gosta de empregar, porque é mais barato e mais acomodaticio.

O que é facto é que se admitiu um rapaz de 12 anos e que esse rapaz inutilizou um braço, para sempre, ao serviço da Samorense e que esta empresa julgando-se libada de culpa mantém o rapaz ao seu serviço, com um mísero ordenado, que lhe vai pagando durante uns tempos, até que o caso já não lembre. E, mais tarde, quando o rapaz reclamar, ao menos o preciso para viver, há de responder-lhe como os da Companhia:

—Se te não chega o que ganhas, procura outro patrão.

Como se vê por estes dois casos que apresentamos ao senso comum dos leitores e das autoridades de Benavente, os dois colossos que imperam em Samora Correia inutilizam escolas, inutilizam gente, sem que estes factos mínimos perturbem as digstões do que, sendo ainda há 4 anos uns pobretanas sem importância de espécie alguma, um porque nunca haviam herdado e outros porque já tinham estalado na batota aquilo que convencionaram chamar a legitima do país, se tornaram milionários neste curto prazo à custa do envenenamento e da miséria deste pobre povo.

Mas conseguiremos nós a união dos operários de Samora Correia para que, unidos e fortes, em volta da justiça que ainda desconhecem, possam gritar bem alto aos ouvidos dos colossos que são homens, que têm direitos ao lado dos deveres que necessariamente cumprem?

Veremos.

E' necessário trabalhar; mas que dêse trabalho se ajuir um pouco de bem estar e não apenas a miséria durante a pajuçada da vida e a fome durante os curtos anos da velhice.

Serra FRAZÃO

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Africa" são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Africa Ocidental e por via do Funchal para a Africa Austral e Africa Oriental (via cabo) sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência às 13 horas, e para as registadas recebe-se até às 11 horas.

Do Cais da Fundação também se recebe correspondência até 15 minutos antes da saída do vapor (6 h) mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

## LIVROS E AUTORES

"A CATEDRAL", por Manuel Ribeiro. — Edição de luxo ilustrada por Alfredo Candido

Agruparia Renascença, da Rua dos Poiais de São Bento, prestou um belo serviço às letras editando em volume de luxo a conhecida obra de Manuel Ribeiro: "A Catedral".

Em volta deste livro do intemerato romancista, agitam-se opiniões, dividiram-se os conceitos filosóficos, jogaram-se juízos variados, mas o que ninguém conseguiu abalar foi o valor literário e artístico da obra em que uma linguagem cheia de suave amenidade aparece ao serviço dum monumento arquitectural que como a Sé de Lisboa, não discutido tem sido, não só pelos seus restauros continuos e nem sempre ajustados ao caracter do monumento, como ainda pelas frequentes descobertas arqueológicas que têm sido feitas lançando umas vezes a desorientação e em outras, pelo contrario, subsidiando com valiosos elementos, os estudos que sobre ele têm sido feitos.

A obra de Manuel Ribeiro "A Catedral", faltava porém a parte illustrativa tão necessária a trabalhos desta indole, tão útil a quem queira confrontar as afirmações do novelista estudioso com a observação directa do monumento, nem sempre possível no próprio local.

Alfredo Candido, artista do lapis, consciencioso e culto, cuja probidade é notória veio preencher essa lacuna, indo heber ao monumento todos os pormenores architecturais, colhendo nele aspectos, minucias, comentários, gráfico architectonicos que servirão à illustração do livro.

Alfredo Candido se nasu reprodução de parte do edificio, de certa importância, logrou uma obra feliz, mais o foi ainda no aproveitamento que fez de elementos soltos, de notas isoladas, com que ornou as letras capitais e os fechos de capitulos.

No traço há leveza, verdade e realce, o que dá brilho à edição, dotando o mercado português com uma boa obra em que o ardo do editor não é para desprezar, também.

NOGUEIRA DE BRITO

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

A Companhia Lúcia Simões-Erco Braga dá hoje em Viana do Castelo, a sua recita de despedida, tendo realizado as anteriores com enorme concorrência. A Companhia segue para Póvoa do Varzim, aonde representará de 16 a 18 e daí para Vila do Conde.

Recêlames

A preparação da "ponte" final do grande torneio internacional de luta que está a realizar-se no Coliseu dos Recreios, tem levado ao "ring" os melhores e mais valentes lutadores que este ano fizeram a sua inscrição e tem proporcionado ao publico os mais interessantes e movimentados combates. Hoje lutam o campeão belga Constant le Marin contra o alemão Stolzenwald, o italiano Travagliani contra o campeão espanhol Ochôa e o tcheco-slovaco Landau contra Bastarrica.

No programa de variedades, figuram além da célebre troupe russa Ruskoff, os exímios artistas Maya e Algar que apresentam um deslumbrantissimo programa.

E' amanhã que, num concerto único, se apresenta no Casino de Sintra, o distinto pianista Botelho Leitão, que executará um aporimador programa, com composições nacionais e estrangeiras, originaes dos maestros mais notáveis, tanto classicos como contemporâneos.

## Sociedades de recreio

Academia Almadaense.—Realiza hoje um concerto, das 20 às 0 horas, na Alameda do Castelo.

Grupo E. Pacatos Bem Entendidos.—Parie hoje para o norte do país a visitar Porto, Braga, Viana do Castelo e Vila do Conde.

Grupo Excursionista "Os Pechinchas".—Realiza amanhã o seu primeiro passeio de turismo pelo Alto Minho e mais regiões do Norte, sendo o embarque na estação do Rocio pelas 21 horas.

Grupo Excursionista 15 de Agosto.—Realiza-se amanhã, um bôdo aos pobres, comemorando o 1.º aniversário deste grupo. Agradecemos as três senhas que nos foram enviadas.

Academia Recreativa A Nacional.—Realiza-se hoje, um espectáculo com a comédia, em 3 actos, "Abençoados Pontapeis", seguindo-se baile.

Grupo Dramático "Solidariedade Operária".—Realiza hoje uma recita dedicada aos sócios e suas famílias, levando à scena o drama, em 3 actos, "Scenas de Miséria", e um acto de variedades.

## Descarrilou o expresso Paris-Galás

9 passageiros mortos e 130 feridos

PARIS, 14.—Segundo dizem de Amiens o descarrilamento do expresso Paris-Galás foi devido a excesso de velocidade.

Voltaaram-se 11 carruagens em consequência da súbita paragem; três delas incendiaram-se.

Dos escombros retiraram-se 9 mortos e 130 feridos, dos quais 21 em estado grave.

## Excursão a Sintra

Em auxílio das Escolas da Central do Sindicato Unico da Construção Civil

E' definitivamente no domingo 23 do corrente que se realiza a grande excursão a Sintra promovida pela Comissão Escolar deste Sindicato tomando parte na mesma a banda da Academia Filarmónica Verdi e o Grupo de Bandolistas "O Cravo".

A partida é da estação do Rossio às 5,30 horas e o regresso às 19 horas.

Bilhetes à venda na administração de A Batalha.

## A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA FAMILIA

Por Benoit Bouche—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores e professores devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. A venda nas livrarias. Pedidos a livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poiais de S. Bento, 27-30—Lisboa

## Á 'Batalha' na provincia e arredores

## Vieira de Leiria

Os politicos de cores adversas mancomunam-se para embrutecer o povo

VIEIRA DE LEIRIA, 9.—Há todos os anos, por costume, na praia desta localidade, junta-se entre pescadores, uma comissão destinada a realizar uma festa religiosa dedicada a São Pedro.

Porém, o ano anterior, no dia em que se havia de realizar a dita festa, o padre recusou-se a dizer a missa e a sair com a procissão à rua, a pretexto de que a capela não estava em condições de lá se poder dizer missa, pois estava um pouco arruinada.

Os pescadores ficaram um tanto surpresos com a resposta do padre à própria hora. Em seguida apparece junto dos pescadores um politiquero que se diz ser radical filiado, e com certeza bastante, que responsabilizando-se pelos santos e mais apetrechos da capela, fez com que a procissão saísse à rua mesmo sem padre, e a festa fez-se.

Este ano a dita comissão (entre pescadores) recusou-se a fazer a festa a São Pedro, lembrando-se de que o padre não dizia a missa, pois que a capela ainda estava na mesma situação. Mas eis que surge uma comissão, (todos commerciantes politicos)—entre democraticos filiaes, radicais e monarchicos, e resolvevem tirar uma subscrição, entre o povo de Vieira e arredores para reconstruir a capela o que conseguiram e fizeram a festa a São Pedro.

E ai temos os politicos de partidos que têm uns pelos outros um odio fidalgo, unindo-se para darem à massa incauta um espectáculo que só a embrut







## Emigração e mão de obra estrangeira

(Tese a apresentar ao 1.º Congresso Confederal)

A emigração—diz o sr. Moreira Teles—produz-se sempre que o homem trabalhador encontra na sua pátria um meio hostil sufocando as suas aspirações ou reprimindo as suas energias.

Mas ainda quando o emigrante é letrado e especializado em qualquer ramo de produção, bem poderá ser vítima de dificuldades aborrecidas e romper contra a adversidade. O pior, porém, é que o emigrante português em geral é analfabeto e muitos são os que não dispõem de grandes recursos profissionais.

Não fôr a robusta constituição física dum grande número de emigrantes portugueses para trabalhos braçais pesados, aliás pouco duradouros e mal retribuídos, e a maior parte pereceria de miséria e fome.

Pelas respostas de consulados portugueses de vários Estados das duas Américas a uma consulta que lhes foi feita pelo Comissário Geral dos Serviços de Emigração sobre as condições de vida dos emigrantes portugueses verifica-se conflagrantemente que a situação de milhares deles é extremamente desoladora, angustiosa e deprimente.

No Brasil existem numerosas famílias sem pai e sem lar. Milhares de imigrantes estão sujeitos às súplicas caritativas de seus patrícios ou de sociedades de beneficência, enquanto que outros esperam ansiosamente o benefício oficial da repatriação gratuita. Estes emigrantes foram assim experimentar em terra estranha as agruras idênticas aquelas que já sofriam no seu país natal.

Não temos dados absolutamente alguns quanto à mão de obra dos países da América do Sul para onde se dirige a maior corrente migratória portuguesa. Tal falta terá que ser reparada de futuro para estudos ulteriores. Por enquanto o que sabemos é que da concorrência que entre si fazem nacionais e estrangeiros, particularmente no

Muitos, talvez centenas, se não mesmo milhares, depois de serem expulsos da sua pátria pela miséria são, pela mesma miséria, expulsos da pátria que um dia pensaram em adoptar para outros países ou para as mortíferas plagas africanas, sujeitos quase sempre a inferiores contratos de trabalho—se é que algum contrato efectivo e permanente chegam a realizar.

Ultimamente instituiu o Estado um «Patronato» para prestar assistência e protecção aos emigrantes, com o concurso dos consulados e sociedades de beneficência—qualquer coisa assim como um escarvão lançado sobre aqueles a quem a sociedade capitalista só concede o direito à vida por esmola.

Mas nem mesmo assim se obviará à miséria sempre crescente, posto que nem se aproveitam os 900.000 hectares de terreno inculco em Portugal (J. de C. Pereira, *A Propriedade Rústica em Portugal*), para o emprego de desocupados nem se procura extinguir o analfabetismo, apesar de não terem colocação milhares de professores primários, para, no caso de emigração continuar intensiva, ficarem os emigrantes ao abrigo de contingências depressivas produzidas pela sua ignorância.

E' deficiente, em relação à emigração transoceânica, a emigração por terra para a Europa. As estatísticas oficiais acusam somente estes números:

1921 1922 1923

12:927 17:590 14:445

Não nos dão indicação alguma sobre a qualidade dos emigrantes. E' bem de ver, entretanto, que o maior número será de analfabetos. Por outro lado há que ter em conta que, se para os países americanos muitos portugueses emigram por Espanha por engajamento, para os países da Europa muitos mais irão pelas zonas secas, a despeito da vigilância oficial.

Muitos ficam por Espanha mas outros atravessam-na e ingressam na França, onde ficam ou de onde partem para outros destinos.

Mas é sobretudo em França que eles ficam.

Em 1920 o Comissário Geral dos Servi-

ços de Emigração tornava público, em Edital, que o Ministério de Trabalho francês reclamava contra a chegada a Hendaya de 40 a 50 operários portugueses que diariamente ali se apresentavam indocumentados, sem que tivesse maneira de os colocar a não ser na agricultura, para onde, entretanto, não queriam ir.

E', sem dúvida a esperança de ali encontrarem trabalho, talvez nas regiões devastadas pela guerra, que os leva a preferir a França a qualquer outro país tanto mais que a mão de obra é superior à portuguesa.

Mas o mesmo sucede, certamente, com os operários de outros países como poderá verificar-se pelo seguinte quadro relativo aos anos de 1923-24, inevitavelmente inferior à totalidade dos imigrantes:

Nacionalidades	1923		1924		Total	Saldo de 1924
	Indústria	Agricultura	Indústria	Agricultura		
Italianos.....	103.013	9.462	33.881	13.096	210.052	63.303
Polacos.....	31.447	23.226	23.205	14.783	92.721	61
Belgas.....	25.107	8.805	23.779	10.935	68.626	6.572
Espanhóis.....	7.517	28.980	6.695	8.287	51.479	25.008
Portugueses.....	7.976	3.791	6.715	7.941	26.433	11.145
Checoslovacos.....	1.265	3.065	4.401	5.689	14.420	77
Russos.....	3.344	2	3.592	547	7.485	—
Vários.....	4.586	1.291	22.842	2.767	31.486	1.343

mão de obra vão—está desvalorizada, segundo crêmos, devido à constante pressão dos organismos sindicais, que não permitem aos estrangeiros o trabalho por tarifas inferiores àquelas porque trabalham os nacionais.

O mapa que a seguir inserimos, muitíssimo incompleto dar-nos há entretanto uma

ideia dos salários nas principais capitais de diferentes países. E' bom contudo frisar que os salários em cada país variam dumas localidades em relação às outras e são sempre superiores nas principais cidades, crescendo sensivelmente das grandes para os pequenos centros populosos e industriais.

## Mapa dos salários calculados sobre a base de 48 horas em 1 de Maio de 1925

INDÚSTRIAS OU PROFISSÕES	Amsterdão Florins Ouro	Berlim Marcos Ouro	Bruxelas Francos	Copenhague Coroas	Lisboa Escudos	Londres Sche- lings	Madrid Pesetas	Milão Liras	Oslo Coroas	Osaka Dólares	Paris Francos	St. Petersburgo Dólares	Draga Coroas	Roma Liras	Estocolmo Coroas	Viena Coroas
<b>Construção Civil:</b>																
Pedreiros.....	38.40	55.68	170.40	129.12	108	85.0	60.00	174.00	86.80	48.00	167.04	72	230	187.20	76.80	71.04
Carpinteiros de armar.....	38.40	56.16	182.40	112.32	120	85.0	75.60	182.40	91.20	36.00	162.24	54	245	187.20	76.80	74.88
Carpinteiros de oficina.....	38.40	56.16	182.40	112.32	120	85.0	75.60	182.40	91.20	36.00	162.24	54	245	187.20	76.80	74.88
Canalheiros.....	40.80	57.60	190.40	126.72	108	85.0	66.00	—	92.64	38.40	—	48	—	158.40	66.24	49.57
Pintores.....	36.00	55.20	150.00	96.00	132	81.0	62.40	190.80	91.20	31.20	—	45.60	275	135.20	—	67.20
Serventes.....	31.20	43.20	123.60	97.92	—	65.0	39.00	114.60	86.40	19.20	101.76	24	170	136.80	69.60	55.20
<b>Construção Mecânica:</b>																
Montadores.....	32.16	—	144.96	93.12	—	62.2	72.00	145.86	84.00	28.80	151.68	36	260	172.80	42.24	—
Serralheiros.....	27.84	—	157.92	102.72	120	62.2	72.00	156.90	84.00	28.32	—	46.50	265	172.80	42.24	—
Modeladores.....	32.16	—	180.00	100.80	120	66.1	72.00	—	84.00	33.60	—	52.80	310	—	42.24	—
Torneiros.....	32.16	—	158.40	—	120	62.2	72.00	158.40	84.00	28.80	155.52	—	240	168.00	42.24	51.30
Serventes.....	23.52	26.40	109.92	—	—	43.3	45.00	115.14	71.52	19.20	117.60	—	150	110.40	36.00	36.72
<b>Mobiliário:</b>																
Marceneiros.....	32.64	45.60	194.40	83.04	144	84.0	72.00	184.20	96.00	27.60	—	—	250	235.20	57.60	48.74
Serventes.....	—	37.26	—	—	—	—	—	138.20	16.80	—	—	—	170	124.80	—	34.78
<b>Artes Gráficas:</b>																
Compositores.....	35.40	42.00	175.50	98.40	120	89.0	78.00	207.85	100.00	36.73	—	43	—	174.90	56.45	57.18
Linotipistas.....	39.36	50.40	178.50	98.40	120	96.0	90.00	220.70	124.00	36.73	228.00	45	285	198.75	67.90	65.76
Impressores.....	35.04	42.00	175.50	94.56	120	99.0	54.00	205.07	113.50	36.73	—	42	—	174.90	56.45	57.18
Encadernadores.....	35.04	42.00	188.50	95.52	120	80.0	63.00	207.85	97.00	35.48	—	40	225	160.00	52.80	46.90
Serventes.....	28.08	36.75	—	70.08	—	71.0	27.00	139.23	—	—	196.80	—	200	135.00	46.25	21.13

(Ar. Estes salários são relativos a 1 de Abril. Copenhague não fornece o mapa de Maio a tempo.)

Este mapa, organizado pela R. I. T., é, como se vê, insuficiente, não faltando muitas das principais indústrias e podendo estes números estar sujeitos à imprecisão resultante de informações erradas, nem sempre colhidas nas fontes mais autorizadas e seguras.

Isto dizemos por se nos afigurar que procedimento idêntico aos dos organismos sindicais portugueses será usado por organismos de outros países, que não informam directamente a quem Repartição, intimamente ligada à S. D. N. Assim mesmo permite-nos o confronto do salário médio de uns países em relação aos outros.

\*\*\*

Segundo informações posteriores é em França que os salários são mais elevados o que levou aquele país uma imigração de cerca de dois e meio milhões de estrangeiros, uns contratados e outros engajados por agentes sem escrúpulos.

O comité dos Houillères, comité des Forges e a Confederação das Associações Agrícolas das regiões devastadas estavam autorizados a contratar estrangeiros sob o controle do Ministério do Trabalho, para a mão de obra industrial, e do Ministério da Agricultura, para a mão de obra agrícola, existindo ainda no Ministério dos Estrangeiros uma comissão inter-ministerial para a imigração, com repartições auxiliares em diferentes pontos da França.

Não obstante, a mão de obra e outras condições de trabalho inferiores eram aceites pelos estrangeiros, pondo assim em perigo, pela concorrência, a mão de obra nacional. A grande maioria dos imigrantes não é sindicalizada e é alheia aos deveres de solidariedade. Ignora o sindicato e a luta de classes e como, a pesar de receber salário mais baixo do que o nacional, esse salário é contudo mais elevado que aquele que auferia no seu país de origem, aceita e trabalha.

Tendo sido este o seu procedimento o proletariado francês organizado, muito embora tivesse em consideração os deveres de solidariedade internacional na luta de classes, não podia permitir a desvalorização da mão de obra por uma concorrência adrede preparada pelas grandes empresas e por engajadores.

Então protestou e o eco desse protesto chegou a Portugal por comunicações directas e através da imprensa.

Mas ao mesmo tempo que protestou reclamou do governo:

1.º—A instituição dum conselho nacional da mão de obra para o controle regular da imigração em substituição das antigas repartições ministeriais cujo serviço era incompleto e irregular.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual à nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de se acceitar.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais dispostos a trabalhar.

Brasil, resultante da abundância de braços produzida pelas imigrações as condições de vida, que foram já rasoáveis em relação a outros países, não se tornando péssimas, como atestam os factos a que, pelo que aos portugueses respeito, fizemos já referência.

Na América do Norte, cujo governo limitou a imigração consideravelmente, a

mão de obra vão—está desvalorizada, segundo crêmos, devido à constante pressão dos organismos sindicais, que não permitem aos estrangeiros o trabalho por tarifas inferiores àquelas porque trabalham os nacionais.

O mapa que a seguir inserimos, muitíssimo incompleto dar-nos há entretanto uma

ideia dos salários nas principais capitais de diferentes países. E' bom contudo frisar que os salários em cada país variam dumas localidades em relação às outras e são sempre superiores nas principais cidades, crescendo sensivelmente das grandes para os pequenos centros populosos e industriais.

desenvolvendo o princípio cosmopolita das relações humanas através e a pesar das fronteiras nacionais.

II

O congresso considera, entretanto, que dentro do regime imposto pelo capitalismo internacional com base na exploração do homem pelo homem, as migrações proletárias provenientes da inferioridade dos salários e das crises que engendram a miséria indígena, são alentadas como aliciente do sentimento egoísta, sedutor de miragens burguesas, que fazem esquecer a acção conducente a uma melhor e mais equitativa administração da riqueza social, tendo em atenção as necessidades comuns.

III

O congresso tem em atenção que os emigrantes, por carecerem de requisitos profissionais e mentais, são dos que, na sua maioria, se sujeitam em países estrangeiros a mais inferiores condições de trabalho e de salário, o que, se para si é extremamente prejudicial, contribui para uma mais vasta e mais profunda exploração patronal exercida nos países de imigração sobre nativos e imigrantes em franca e mortífera concorrência.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os mobiliários de Fare ocupam-se da sua situação

FARO, 13. — Reünio a classe mobiliária para apreciar a crise de trabalho que está tomando proporções assustadoras, tendo já algumas casas da indústria despedido operários, reduzido salários outras e outras ainda pretendem também reduzi-los.

Para apreciar esta situação e tomar resoluções, resolveu-se convocar para amanhã uma assembleia magna da classe, para a qual foram distribuídos convites em todas as oficinas.—C.

S. U. da Construção Civil de Lisboa

Uma comissão composta por delegados deste sindicato, Bóia de Trabalho e Federação de Indústria procurou ontem os ministros do Trabalho e Interior com quem tratou da solução a dar à crise de trabalho que lava entre o operariado da construção civil, tendo para o efeito, entregue a cada um dos referidos senhores, uma exposição de factos acerca da crise, na qual se lhes indica a maneira mais fácil de resolver rapidamente a crise de trabalho que nos está afectando.

O sr. ministro do Trabalho e o secretário do sr. ministro do Interior, prometeram interessar-se pelo assunto, a fim de satisfazer na medida do possível a reclamação que lhes era feita: esboçando no entanto,

IV

O congresso, nestas condições, delibera: a) que, de futuro, a C. G. T. dedique particular atenção às necessidades de organização nas regiões de população industrial ou rural mais densa;

b) que se inclua na propaganda a realizar o problema da emigração por forma a despertar nas massas o sentimento da dignidade humana e a conveniência que têm na aquisição de conhecimentos profissionais e mentais suficientes para enfrentarem a adversidade nos países de imigração;

c) que a C. G. T. convide a A. I. T. a elaborar estatísticas sobre os salários e demais condições de trabalho em cada país; d) que a C. G. T. se coloque em relações directas com os organismos sindicais dos países de mais vasta imigração portuguesa, concertando com eles uma acção de defesa recíproca, ou seja de defesa dos nativos dos países de imigração dos emigrantes portugueses desprovidos de condições imediatamente adaptáveis.

Mamuel da Silva Campos, Carlos Maria Coelho, Lúcio Costa, Luís Gonzaga, Joaquim de Sousa, Manuel H. Rijo, Manuel Nunes, Manuel Joaquim de Sousa, relator.

que os organismos da indústria se esforcem por os ajudar a resolver o problema na medida dos seus recursos.

A mesma comissão vai em breve procurar os ministros do Comércio, Marinha, Instrução e Finanças a fim de se ocupar do mesmo assunto.

Contra a baixa de salários vão agir os corticeiros de Sines

SINES, 11. — A classe corticeira reuniu em assembleia geral para apreciar as pretensões dos pequenos fabricantes, que tentam baixar os preços da mão de obra, ameaçando com o encerramento das oficinas.

Querem eles baixar 10000 aos quadrados, 20000 aos retangulares, 40000 aos encaixadores (por fardo), e 2500 por dia a outros.

Para se oporem a tais pretensões que visam também a obrigar os corticeiros a tirar o horário de oito horas, estão trabalhando de acordo os corticeiros e os marítimos.

Resolveram os corticeiros comunicar à Secção Industrial que a classe retomará o trabalho na próxima segunda-feira nas condições em que terminou a última greve geral, esperando resposta na sexta-feira e nomeando cada secção um delegado para dar parecer sobre a resposta dos industriais, sobre o qual a assembleia depois se pronunciará deliberando a atitude a tomar.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA 1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50. Pedidos à administração de «A Batalha».

## INTERESSES DE CLASSE

## A propósito da "suspensão de relações" do Sindicato dos Empregados de Escritório de Lisboa com os organismos operários

Consumou-se a final o golpe no sindicato dos empregados de escritório preparado pela sua actual direcção tendo triunfado sobre as ideias apresentadas pela minoria integrada no espírito da luta de classe o péso bruto da massa amorfa inimiga, preconizando de casta ou por espírito reaccionário e subversivo da organização sindicalista revolucionária.

Tendo sido absolutamente inútil, em vista da mentalidade da maior parte da assembleia, toda a critica feita por alguns associados dentro dos limites da razão e da verdade aos actos descrecionários praticados pela actual direcção, está claro que não merece a pena estar-se a perder mais tempo a discutir por escrito a irregularidade desses actos, pois que isso equivaleria a «malhar em ferro frio».

Unicamente desejo aqui fazer algumas considerações à volta dumas palavras pronunciadas no final da última sessão por aqueles que aprovaram—e manifestaram nisto uma grande satisfação—a suspensão de relações com a C. G. T. e C. S. T., por elas nos revelarem o espírito retrógrado e colaboracionista que vai agora predominar dentro da Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, transformando a tal «suspensão temporária de relações» num rompimento definitivo.

Houve quem dissesse que se tinha visto até então na impossibilidade de trazer para o sindicato mais umas dúzias de socios, porque se lhes mostrasse a caderneta confederal *chamar-lhe-iam bolsevista*, e houve quem declarasse considerar um perigo perante o patronato o estar dentro duma associação aderente à Confederação Geral do Trabalho, o que comprova que se amanhã se pensar, por acaso, em reatar relações com a organização operária, toda essa massa escravizada, mas submissa, que assim pensa e sente, fugirá imediatamente do sindicato, como de lugar empastado, deixando-o em piores condições do que se encontra actualmente.

E' verdade que um dos membros da direcção, no decurso das discussões, declarou que ao entrar para a associação não era sindicalista, como hoje, mas democrata, e concluiu que a evolução realizada no seu espírito se repetiria igualmente no espírito dos outros socios.

Não concordo, achando o caso e as condições actuais muito diversas, porque em primeiro lugar, todos estes novos elementos subordinaram a sua entrada na associação a um préconceito, bem radicado no seu espírito, conforme o manifestaram abertamente, e em segundo lugar, não se combatem ideias falsas e errôneas, indo ao seu encontro, e dando-lhes plena satisfação, como o está fazendo a actual direcção.

Esta com a sua tática habilidosa não faz mais do que alimentar a inconsciência e a covardia duma parte da classe, e não é certamente mediante estes processos que se combatem erros e se orientam espíritos transviados.

Além disso, atendendo à obra desagregadora presentemente posta em prática pelos partidários da I. S. V., e considerando que Gil Gonçalves, um dos membros da direcção foi um dos defensores mais apaixonados no Congresso da Covilhã da adesão da C. G. T. à Internacional de Moscova, estamos já a ver em que sentido procurará a direcção orientar esses novos elementos sindicados e quão breve deve ser o ingresso de novo do sindicato dos empregados de escritório de Lisboa na Confederação Geral do Trabalho.

Adriano Botelho  
(sindicado n.º 2230)

## JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 paginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

## HORARIO DE TRABALHO

Federação da Construção Civil

Uma comissão constituída por delegados desta Federação, Bóia de Trabalho e Sindicato da Construção Civil de Lisboa, entrevistou ontem o ministro do Trabalho e secretário do ministro do Interior aos quais entregou uma exposição relatando a attitude inexplicável de algumas autoridades administrativas que numa parcialidade que desmente a sua missão de velarem pelo cumprimento das leis da República, vêm mantendo uma attitude irritante, perseguindo, maltratando e chegando até mesmo a prender operários que confiados na lei pugnam pelo seu cumprimento.

O ministro do Trabalho declarou à comissão que ia tomar imediatas providências enviando uma circular a todas as autoridades a quem esteja confiado o encargo de fazerem cumprir a lei do horário do trabalho e sua respectiva regulamentação.

Esta «démarche» foi realizada com o fim do dar satisfação às inúmeras reclamações que a Federação têm sido enviadas de diversos pontos de país, no entanto exorta-se os operários da C. Civil a não confiarem unicamente nas autoridades, devendo energeticamente imporem-se para que o horário máximo de 8 horas de trabalho seja insofismavelmente cumprido.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

## Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Confeiteiros, Pastelheiros e Chocolateiros.—Pelos 20 horas, em assembleia geral para tratar do horário de trabalho e discussão duma tabela-base de salários.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Foi adiada para depois de amanhã a reunião do conselho federal que ontem se devia ter realizado.

Marinheiros e Moços.—Reúne no próximo dia 18, pelas 20 horas, a assembleia geral, a pedido dum grupo de associados.

Federação Corticeira Nacional.—Reúne amanhã, pelas 13 horas, o conselho federal.

União Textil.—Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 14 horas, para deliberar sobre